



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

PRESENÇA NEGRA EM ARQUITETURA E URBANISMO: MAPEAMENTO, RECORTES E INQUIETAÇÕES

**PAULA MILENA LIMA*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo traçar um breve panorama dos resultados parciais, apontar alguns recortes feitos e elencar possíveis inquietações que surgiram ao longo das investigações da pesquisa “Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo: Mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano” sob a coordenação da Professora Doutora Gabriela Leandro Pereira¹, que tem como objeto de estudo a Presença Negra na Produção da Cidade e no Currículo de Arquitetura e Urbanismo, alocada no grupo de Pesquisa Lugar Comum do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia.

Palavras Chaves: arquitetura, urbanismo, negros, mapeamento.

Pelo mundo

Tendo confirmado com a pesquisa “Presença Negra no Currículo de Arquitetura” que não era comum, ou mesmo quase inexistente a menção de negros do campo da arquitetura e urbanismo durante as graduações de arquitetura e urbanismo, o projeto de pesquisa: “Arquitetas e arquitetos negros pelo mundo: Mapeamento da presença negra no campo da arquitetura, urbanismo e planejamento urbano” surge como ferramenta de localização, identificação e catalogação destes indivíduos negros dentro dos campos de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano, com o intuito de permitir que suas biografias, projetos e demais publicações estejam acessíveis aos que buscam referências afro-diaspóricas durante seu processo de graduação ou mesmo durante a prática profissional. Entendendo como primordial a democratização do conhecimento e informações, todos os dados, biografias e demais materiais encontram-se reunidos e em processo constante de construção e acréscimos no site *Arquitetas Negras* cujo domínio é da Universidade Federal da Bahia e está disponibilizado de forma ampla e irrestrita no endereço eletrônico: arquitetasnegras.ufba.br

Como resultado parcial do mapeamento de negras e negros profissionais dos campos de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano a nível mundial atualmente já constam 51 perfis no site *Arquitetas Negras* e neste escopo já devidamente analisado pode-se identificar, entre outras coisas, quais países de origem e locais de atuação dos



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

mesmo. Destes, por exemplo: 18 nasceram no Reino Unido, 3 na Nigéria, 4 na África do Sul, 1 na Zâmbia. Quanto aos locais de atuação, dos profissionais mapeados até então, 20 atuam em Londres, 12 na África do Sul, 3 em Luanda.

Entre os profissionais identificados mundialmente podem ser exemplos:

Sharon Sutton- nasceu em 1941, em Cincinnati, Ohio, nos Estados Unidos e possui graduação em música, arquitetura, psicologia e filosofia- títulos obtidos na cidade de Nova York. Professora Emérita na University of Washington College of Built Environments, Dr^a. Sharon E. Sutton, é educadora de arquitetura desde 1975, já tendo ocupado cargos no Instituto Pratt, Universidade de Columbia, Universidade de Cincinnati e Universidade de Michigan, onde se tornou a primeira mulher afro-americana nos Estados Unidos a ser promovida ao cargo de professor titular do curso de arquitetura. Autor de numerosos livros, capítulos de livros, relatórios e artigos, a pesquisa de Sutton concentra-se na justiça juvenil, comunitária e social e trajetórias profissionais oriundas de grupos minoritários. Atualmente, ela está estudando as histórias de vida dos estudantes de minorias étnicas que foram recrutados para a Escola de Arquitetura da Universidade de Columbia durante o Movimento de Direitos Civis, que resultou no livro *"When Ivory Towers Were Black: A Story about Race in America's Cities and Universities"*, lançado em 2017. Em torno do tema desenvolvimento justo e sustentável, publicou em 2011 publicou o livro *"The Paradox of Urban Space"*, co-editado com Susan P. Kemp, no qual demonstra como as desigualdades raciais e a segregação espacial se agravam diante da emergência de problemas associados à mudança climática, aumentando a assimetria existente entre a riqueza e pobreza.

Sir David Adjaye- O KCVO OBE é um dos arquitetos mais reconhecidos e influentes do mundo na contemporaneidade. Nasceu em 1966, na Tanzânia, onde seu pai trabalhava como diplomata ganense. Por causa da carreira de seu pai, Adjaye viveu em vários países da África e do Oriente Médio. Durante sua juventude, a família acabou se estabelecendo em Londres. Ele decidiu sobre sua futura carreira em tenra idade.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Estudou arquitetura na London South Bank University (LSBU), antes de estagiar com David Chipperfield (premiado arquiteto londrino) e Eduardo Souto De Moura (arquiteto português vencedor do pritzker 2018). O interesse pela arte levou-o a obter o B.Arch. da London SouthBank University (1990) e o M.Arch. do Royal College of Art (1993). Adjaye trabalhou em algumas firmas de arquitetura enquanto ainda estava na escola antes de se associar com William Russell para formar Adjaye e Russell em 1994. Estava então com 28 anos.

Em Londres, seus primeiros projetos incluíram uma série de casas particulares, estúdios, estabelecimentos de varejo e restaurantes. Seu trabalho se expandiu incluindo prédios públicos de grande porte, como os híbridos de bibliotecas comunitárias - Idea Stores que ele projetou em dois bairros de Londres. Adjaye projetou também o Stephen Lawrence Centre em Deptford, que visa incentivar jovens desfavorecidos a seguir carreiras em arquitetura e design urbano. Ele fundou a Adjaye Associates em 2000.

Mais adiante, começou a ser reconhecido e convidado para realizar projetos de alta complexidade como a Moscow School of Management, na Rússia, a casa do Smithsonian Institution, o Museu Nacional de História e Cultura Afro-Americana em Washington DC (EUA), o novo Museu de Arte Contemporânea em Denver (EUA), e o Nobel Peace Center em Oslo, Noruega. Enquanto os críticos se encantam com seu engenhoso uso dos materiais e aparente capacidade de esculpir a luz, ele afirma não ter um estilo de assinatura.

Liz Ogbu- obteve seu bacharelado em arquitetura pela Wellesley College e mestrado em arquitetura pela Graduate School of Design da Universidade de Harvard. Uma designer, urbanista e inovadora social, Liz é especialista em design sustentável e inovação espacial em ambientes urbanos desafiados globalmente. Ela é fundadora e diretora do Studio O, uma prática de inovação multidisciplinar que trabalha dentro das comunidades necessitadas globalmente para usar o design de energia para catalisar o impacto social sustentado. Desde a criação de abrigos para diaristas imigrantes nos EUA a uma empresa social de água e saúde para quenianos de baixa renda, até a



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

realização de um workshop de design na Reunião Anual da Iniciativa Global Clinton. Liz tem uma longa história de trabalho e defesa de questões sociais e justiça espacial. Seu trabalho combina empatia e metodologias de pesquisa centradas no ser humano, práticas de engajamento criativo, princípios de arquitetura e desenvolvimento equitativo, estrutura de pensamento de design interdisciplinar e agendas de justiça social e espacial.

Entre as características e atuações dos profissionais mapeados muita diversidade de atuação e estilos projetuais foi identificada, assim como a diversidade de campos de pesquisa. Muito comumente encontrou-se também profissionais que apresentam multiplicidade de atuações profissionais e grande aproximação com as áreas artísticas como um todo.

Mapear mundialmente os profissionais das áreas da Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano representa o intento de que os corpos negros em diáspora possam encontrar representatividade no meio profissional, assim como vislumbrar possibilidades de melhor entendimento de como se dá os trânsitos emigrações dos corpos negros que se deslocam com a finalidade de estudar e atuar na Arquitetura e áreas afins .

Entendendo que o mapeamento é dinâmico e que novos nomes vão surgindo ao longo dos trabalhos investigativos e que novas informações nos perfis já registrados no site podem ser acrescentadas. Desta forma as informações aqui apresentadas, até o momento, aparecem como exemplificação e uma amostragem para o entendimento do que se pretende com a pesquisa.

Recortes e especificidades.

Durante os processos investigativos e de sistematização das informações obtidas durante a pesquisa, optou -se por fazer um separação dos profissionais que tem seus corpos negros e suas atuações diluídas nos territórios globais em uma aba específica



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

do site e abrir espaço para os indivíduos que têm suas origens marcadas no território brasileiro em outra parte específica do espaço eletrônico, indo além, foi decidido uma sequência de especificidades que possam tornar este mapeamento ainda mais expressivo e consistente, no que tange ao pioneirismo que o envolve. Dentro do conjunto de negras arquitetas e negros arquitetos brasileiros ou assim naturalizados, escolheu-se, de forma a marcar um fluxo específico de circulação de informação, que esse mapeamento parta da Universidade Federal da Bahia, tendo como metodologia entrevistar egressos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo que são devidamente identificados como negros, aqui cabe também o respeito à autodeclaração e a delicadeza do trato que o colorismo brasileiro requer.

As arquitetas e arquitetos negros que alcançaram sua formação acadêmica, ou parte dela, no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, têm sido identificados ,não com facilidade , num processo minucioso de investigação, uma vez que assim como o CAU (.Conselho de Arquitetura e Urbanismo) não tem como prática fazer a marcação de raça /etnia nos registros do seus associados, estes registros também não costumavam aparecer nas universidades, dificultando a identificação dos egressos por meio de sua descendência étnica o que evidencia a ausência de cuidado com questões de recorte racial.

Mas ,para driblar e tentar vencer a inexistência de dados sistematizados sobre alunos e alunas negras que estudaram na Faculdade de Arquitetura da UFBA parte-se da identificação dos professores e professoras negras que hoje atuam no quadro de docentes da instituição , o que não representa nem mesmo uma dezena de professores dentro do corpo de dezenas de professores efetivos. Tendo os identificados, optou-se por convidar os que se mostraram disponíveis e acessíveis , até então, para conceder entrevistas aos pesquisadores e orientadora do projeto de pesquisa aqui tratado.

As entrevistas têm sido realizadas com uma constância bem peculiar, uma vez que cada indivíduo entrevistado é o elo de ligação que nos leva a outros indivíduos que surgem como indicações solicitadas , seguindo a lógica da rede de relações para



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

percorrer os caminhos e traçar as rotas e alinhavos que unem e aproxima de alguma forma estas presenças que outrora se tocaram dentro do território de onde partimos, ou mesmo dos que estão ainda presentes sejam como pesquisadores, estudantes de pós graduação ou recém formados que ainda se encontram no limiar entre o lugar de discentes e a realidade da prática profissional e por vezes ainda estão em processo de adaptação a nova realidade de formados.

Vale aqui ressaltar que os entrevistados fazem parte de períodos diversos dos 60 anos recém completos da Faculdade de Arquiteta, mas que a marcação mais significativa que separam suas formações se dá pela instauração das cotas raciais nos processos de seleção das Universidades e que ainda tendo sido instaurado há mais de uma década na Universidade Federal da Bahia, não garante a real democratização do ensino superior, uma vez que o acesso não vem acompanhado de medidas de adequação para que os novos corpos que passaram passaram a diversificar o conjunto de discentes possam ter suas necessidades, especificidades e características respeitadas e sejam acolhidos de modo a sentirem-se parte integrante do todo.

No ano de 2002, com o programa Universidade Nova, começaram na UFBA as discussões sobre o “processo de inclusão, ampliação do acesso e/ou diversificação na política de admissão de estudantes, tendo como base a proporção de participação dos grupos que compõem a sociedade”, como informa o artigo “Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento” (Peixoto et al 2016). Em julho de 2004, a política de ações afirmativas foi aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consepe) e publicada na resolução nº01/04. No final do mesmo ano, saíria o edital para o vestibular de 2005, o primeiro que trouxe a opção de reserva de vagas para alunos pretos e pardos que estudaram em escola pública. Fonte: Edgar Digital

A não equidade com que são tratados os ingressos via cotas raciais fica evidente com a falta de auxílios financeiros que complementem a política de afirmação, mas entendendo que há também diversidade entre os negros que adentram a universidade no que tange a origem, patamar social e financeiro e demais características que os distingue. Em Arquitetura e Urbanismo a ausência de referências bibliográficas sobre arquitetura afro brasileira, falta de apresentação de profissionais negros durante as aulas de projeto



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

denotam a insuficiência das medidas de democratização do ensino, uma vez que o referencial continua a ser eurocêntrico e segregador.

O sentimento de não pertencimento, o isolamento e a ausência de pares dentro do território da Faculdade de Arquitetura foram falas recorrentes entre os egressos da UFBA entrevistados até o momento.

Escolher começar o mapeamento do Brasil partindo da faculdade sediada na capital baiana não se deu por acaso, uma vez que representa o local com maior concentração de negros fora do continente africano, o que reafirma a presença dos corpos nos processos de trânsito afrodiaspórica. No cenário Brasil a medida adotada ainda possibilita que os fluxos de informações a respeito do assunto sejam deslocados, abandonando a lógica hegemônica de que tudo que é difundido para a maioria da região sudeste, mas especificamente do eixo Rio de Janeiro - São Paulo.

O que perguntar?

Pensando em como lidar com as questões que cercam a presença negra nos territórios da arquitetura e urbanismo, e mais especificamente no cotidiano da formação acadêmica a ponderação sobre como conduzir as entrevistas a serem realizadas foram recorrentes dentro do grupo de pesquisadores. Havendo sempre a preocupação de conseguir o máximo de informações possíveis, mas sem atravessar a linha do confortável para as entrevistadas e entrevistados, sendo assim chega-se ao resultado de uma sequência de perguntas que parece satisfatória, mas entendendo que não é algo engessado. Eis, logo abaixo, as perguntas que norteiam as entrevistas, mas que podem facilmente serem modificadas a depender da dinâmica de cada diálogo com os profissionais mapeados, resguardando o ritmo individual de cada um :

Roteiro para conversa com os arquitetos de Salvador:

1. De onde você é? Onde/quando nasceu?



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

2. Porque escolheu fazer arquitetura?
3. Tem algum arquitetos na família?
4. Quando entrou na faculdade? Em qual faculdade?
5. Aonde morava quando cursava arquitetura?
6. Havia política de cotas? O que acha da política de cotas?
7. Como foi a trajetória no curso?
8. Havia discussões sobre as questões raciais no curso?
9. Tinha colegas negros no curso? E professores? Se sim, como era a relação com eles?
10. Chegou a fazer estágio ou pesquisas durante a Faculdade? Se sim, onde, com quem, como foi? Era o único negro no espaço?
11. Teve referência de arquitetos negros durante sua formação? Ou posterior a ela?
12. E quando se formou, teve alguma atuação vinculada ao seu lugar de origem? Acha isso uma questão importante?
13. Em quais lugares já trabalhou? Teve colegas de trabalho negros? Como era a relação com os demais profissionais?
14. Como enxerga o mercado profissional para arquitetos negros hoje? Mudou em relação a quando começou?
15. Quem são seus clientes? Trabalha com clientela “negra”?
16. Como enxerga o campo de atuação de arquitetura e urbanismo em relação às demandas/diálogo com os espaços da população negra?
17. Já sofreu algum tipo de preconceito exercendo a profissão?
18. O que vislumbra como ações possíveis para que o campo da arquitetura e urbanismo incorpore, dialogue com a pauta racial?
19. O que significa ser arquiteto para você?
20. O que significa ser arquiteto negro para você?
21. Indique seus principais trabalhos. Podemos agendar de conhecer?
22. Pode nos indicar outros arquitetos negros para conversar?

Nome:

Idade:



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Contato:

Redes sociais:

Endereço profissional:

Considerações Finais

(...)

Fontes:

<http://www.arquitetasnegras.ufba.br/>, acesso em 28 de outubro de 2019

<https://www.britannica.com/biography/David-Adjaye>, acesso em 28 de outubro de 2019.

<https://www.lsbu.ac.uk/about-us/people/people-finder/dr-david-adjaye-obe>, acesso em 28 de outubro de 2019.

<http://arch.be.uw.edu/people/sharon-e-sutton/>, acesso de 28 de outubro de 2019.

<http://www.lizogbu.com/about/> , acesso em 28 de outubro de 2018

https://portal.ufba.br/ufba_em_pauta/acoes-afirmativas-15-anos-das-cotas-ao-sucesso-profissionais-contam-suas-historias , acessado em 28 de outubro de 2019.